

Genealogias da observação: atualizações de “Vigiar e Punir” na obra de Jonathan Crary

Genealogies of observation: updates to "Discipline and Punish" in the work of Jonathan Crary

César Pessoa Pimentel

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO: Neste artigo se problematiza a tese de “Vigiar e Punir” em que Foucault situa no passado o regime do espetáculo dissociando-o do sistema moderno de vigilância. Duas grandes atualizações desse diagnóstico podem ser apontadas. Uma primeira considera como a vigilância se juntou a tecnologias da imagem, com indivíduos expondo-se e sendo observado de modo mediado, enquanto a outra regride ao século XIX para delinear sobreposições entre os dois regimes escópicos. Trabalharemos a segunda vertente através de alguns escritos de Jonathan Crary sobre mídia, arte, ciência e técnica no século XIX. Começando por expor o método genealógico comum aos autores, pontua na obra de Crary o estatuto do sujeito como observador. Portanto, em sentido reverso à situação investigada por Foucault sobre a constituição do sujeito como observado. A seguir, examinamos como a genealogia dos castigos desenvolvida em “Vigiar e Punir” resulta num modelo de subjetividade voltada para si distinto da permeabilidade entre espaço interior e exterior característica do observador apontada por Crary. Pode-se concluir que a discrepância provém de um deslocamento no projeto genealógico: ao invés de se efetuar um estranhamento da prisão através do estudo de mecanismo de observação dos indivíduos, é o realismo das tecnologias visuais que é posto em xeque pela problemática da disciplinarização dos corpos dos observadores.

Palavras-chave: vigilância, espetáculo, tecnologias visuais, genealogia, subjetividade.

ABSTRACT: This article problematizes Foucault's thesis in "Discipline and Punish," in which he situates the regime of the spectacle in the past, dissociating it from the modern system of surveillance. Two major updates to this diagnosis can be pointed out. The first considers how surveillance joined image technologies, with individuals exposing themselves and being observed in a mediated way, while the second goes back to the 19th century to delineate overlaps between the two scopic regimes. We will work on the second aspect through some writings by Jonathan Crary. Beginning by explaining the genealogical method common to the authors, Crary's work highlights the status of the subject as observer. Therefore, in a reverse sense to the situation investigated by Foucault regarding the constitution of the subject as observed. Next, we examine how the genealogy of punishments developed in "Discipline and Punish" results in a model of subjectivity turned towards itself, distinct from the permeability between interior and exterior space characteristic of the observer pointed out by Crary. It can be concluded that the discrepancy stems from a shift in the genealogical project: instead of effecting a defamiliarization of the prison through the study of mechanisms for observing individuals, it is the realism of visual technologies that is called into question by the problem of disciplining the bodies of the observers.

Keywords: surveillance, spectacle, visual technologies, genealogy, subjectivity.

DOI: 10.12957/mnemosine.2025.97479

1. Introdução

Não resta dúvida a respeito da abundante inventividade conceitual encontrada em “Vigiar e Punir”, não obstante a obra ter sido exposta a contínuas ponderações críticas. O tema das disciplinas e sociedades disciplinares é exemplar. Do mesmo modo que hoje pergunta-se quão suficiente, atual e válida permanece tal descrição, seria igualmente interessante investigar a suficiência de teses relacionadas ao papel da observação e da vigilância. “Vigiar e punir” fornece chaves para se compreender diferenças entre modelos de subjetividade e tipos de experiência relacionadas a formações históricas em termos de visão, iluminação, arquitetura e óptica (Rajchman, 1988). Esse nexos foi explorado entre a data da publicação e nossa atualidade de dois grandes modos. Um primeiro considera que a vigilância se juntou a tecnologias da imagem e algoritmos, possibilitando vigilâncias distribuídas (Bruno, 2013; Rodriguez, 2015), enquanto o outro regride ao século XIX para delinear sobreposições entre os dois regimes escópicos. Trabalharemos a segunda linha a partir da pesquisa sobre a relação entre artes, ciência e mídia realizada desde a década de 1990 por Jonathan Crary (1990, 1999, 2011, 2012, 2014, 2023). A apresentação dos conceitos e argumentos de “Vigiar e Punir” não é de forma alguma extensa e ampla, mas orientada pelas problematizações a respeito do olhar e subjetividade.

O artigo se desenvolve através de dois grandes movimentos. De início, tratamos da genealogia, estilo de pesquisa que articula a obra de Crary com a de Foucault. Argumenta-se que a genealogia dos castigos é deslocada em prol de uma genealogia das técnicas visuais realistas. Em um segundo momento, abordamos os resultados dessa orientação no campo dos procedimentos de subjetivação. Foucault, muito inspirado por “Genealogia da moral” (Nietzsche, 2009), considera como o espaço subjetivo se constitui por práticas induzidas de auto-observação, carregadas afetivamente pela culpa. Nas duas principais obras que abordamos em Jonathan Crary, “Técnicas do observador” (1990; 2012) e “Suspensões da percepção” (1999), os dispositivos ópticos acoplam-se a corpos imobilizados suscitando efeitos “expondo a natureza alucinante e fabricada da experiência.” (2012, p. 126). Na obra do autor, as disciplinas são trazidas em seus efeitos sobre a subjetividade de modo original. Produzem efeitos de transe, ausências e devaneios, fazendo notar aspectos heterogêneos da

experiência moderna. Fechamento e reflexividade, mas também estados de suspensão que colapsam o princípio da realidade.

Posteriormente, aparatos como o cinema e o taquistoscópio criaram distâncias entre observador e o mundo perceptível. Porém, as condições para o aparecimento de tais modelos visuais deitam raízes no trânsito entre a motilidade cinestésica do corpo e o mundo visível continuamente modulado, tema por onde suas obras se aventuram. Em suma, duas genealogias: a do observado e a do observador, dois tipos de experiência, uma recolhida atravessada pela culpa, outra, permeável e submetida a constantes estimulações sensoriais.

2. Interstícios entre espetáculo e vigilância

Em linhas gerais, o mapeamento da experiência moderna em “Vigiar e Punir” volta-se contra a suposta origem humanista da prisão. É uma obra cética a respeito de narrativas que entendem a prisão como efeito do aumento da sensibilidade dos juristas e políticos ao sofrimento humano. Duvidando de sua instalação no plano compassivo, põe em cena aspectos materiais, ou melhor, “materialidades” (Ewald, 1993), que organizam a experiência do tempo e do espaço, da relação da vida com o perigo, do sujeito com sua interioridade assentadas por práticas que incidem sobre o corpo, o movimento, o tempo e o território. O “panóptico” é um dos pontos de interseção mais evidentes entre organização do território, treinamento do corpo e observação.

Um dos pontos mais originais dessa obra publicada na década de 1970 foi ter situado na arquitetura um engenho de controle da conduta. Toma o projeto de Jeremy Bentham para reforma de instituições como analisador de mutações históricas de considerável monta. Correspondente arquitetônico a um limiar histórico, distância entre a idade clássica e a idade moderna assinala a passagem entre dois mundos e experiências relativas ao perigo e ao sofrer. Arquitetura que isola para registrar e oculta o vigilante para induzir à autovigilância, meio de disseminação de técnicas de docilização política restritas a geografias e instituições díspares, é também invento operatório no âmbito dos procedimentos reservados a lidar com o perigo, isolar o inimigo, frear a inevitável aproximação entre vida e morte. Se a peste e a lepra¹ deflagravam mecanismos opostos de lidar com a doença, o Panóptico ampliou a potência das

¹ No Capítulo 3 de “Vigiar e Punir”, “O Panoptismo”, a peste e a lepra são apresentadas em seu modo de suscitar diferentes modelos de controle territorial. Segundo Foucault, “o leproso é visto dentro de uma prática da rejeição, do exílio-cerca” (1997, p. 164), sendo tratado no interior de uma massa sem que se especifique diferenças individuais. Ao contrário, ao pestilento é voltado um esquema de vigilância que esquadriha ruas e casas dentro de um “policimento tático metuculoso, onde as diferenciações individuais são os efeitos de um poder que se multiplica, se articula e se subdivide.” (idem, p. 164)

disciplinas em lidar com uma população recém-desenraizada pelo avanço do capitalismo sobre o campo: “tratar os leprosos como pestilentos, projetar recortes finos da disciplina sobre o espaço confuso do internamento” Como método generalizado de organizar a visão, separando o par natural “ver - ser visto” configurou a experiência do medo, da normalidade e responsabilidade em termos próprios a uma época. Parte considerável da experiência subjetiva na era moderna foi estabilizada segundo este modelo de natureza escópica e multifuncional.

Nota-se que, ao remontar a experiência moderna à sensação de escrutínio e juízo contínuo, Foucault realiza um importante procedimento teórico: a rejeição de outra modalidade de diagnóstico histórico. Considera equivocada a tese que Guy Débord (2007) articula em “A sociedade do espetáculo” em 1967, obra marcada pela crítica ao urbanismo e às fronteiras entre vida e arte. As linhas gerais de “A sociedade do espetáculo” assinalam a subsistência da realidade social sob a precária condição de imagem, a grosso modo assistida sob dois modos: representada em grandes líderes ou em celebridades e itens de consumo. A análise de Débord busca renovar o marxismo tradicional, enfatizando a conversão de uma sociedade orientada para a produção em outro tipo de sociedade voltado para o consumo, onde a produção, os bens se tornam representações e a própria revolução pode ser simulada. Viana (2011) destaca como existem paralelos entre as análises da temática do consumo que emergem na década de 1950, citando intelectuais como Hannah Arendt e Henri Lefebvre. No entanto, na perspectiva de Guy Débord, a sociedade de consumo está envolvida pela sociedade de espetáculo. Se considerarmos como o autor esteve enraizado nas discussões sobre urbanismo, buscando encurtar a distância entre arte e vida, é compreensível que o isolamento do indivíduo como espectador de formas políticas estetizadas seja essencial ao seu diagnóstico sobre a modernidade.

Reversivamente, em Foucault, encontramos a ideia de estar sendo visto como importante procedimento de subjetivação, enquanto Débord (*idem*) faz generalizações sobre a experiência moderna a partir da figura do público espectador. O funcionamento do panóptico, o regime de vigilância, implica em assujeitamento daquele que é visto, “super-visionado”. Muito distinta é a situação da subjetividade no espetáculo, pois o “sujeito-assujeitado” é aquele que observa em público, ainda que profundamente solitário. Em “Vigiar e punir”, os dois regimes históricos são nitidamente separados: “nossa sociedade não é de espetáculos, mas de vigilância, sob superfície das imagens, investem-se corpos em profundidade... não estamos nem nas arquibancadas nem no palco, mas na máquina panóptica.” (Foucault, 1997, pg.178-9). Seus primeiros capítulos consideram a lógica, a organização dos castigos implantados na forma espetacular própria ao suplício. Na era clássica, entre os séculos XVII e

XVIII, a produção de conhecimento sobre o indivíduo insistia sobre os atos, os acontecimentos relacionados ao delito. Sob forma teatral, o crime era reconstituído pelo próprio acusado, a punição realizada em praça pública. Portanto, o castigo visível, teatral conduzido como espetáculo existiu de fato, segundo a narrativa de “Vigiar e Punir”, sendo uma importante assinatura do encontro entre poder e corpo no período anterior à modernidade. No entanto, as sociedades de espetáculo seriam fenômenos históricos ultrapassados com pouco valor em termos de diagnóstico para o presente.

Nosso objetivo será exibir como esse diagnóstico foi reconsiderado na obra do historiador Jonathan Crary, que circula por domínios como a arte, mídia, técnica e ciência, especialmente no século XIX. Sua pesquisa gira em torno da figura do observador submetido a processos que tornam seu corpo capaz de receber, assimilar e, ainda, responder a uma ampla gama de estímulos heterogêneos. O observador é efeito, condensação dentro do campo das instituições e relações urbanas, operações de trabalho e lazer, entre as quais vaga em estados de atenção e devaneio, lucidez e sonho. Até o momento, são quatro obras monográficas publicadas sob sua autoria: “Técnicas do observador” de 1990; “Suspensões da percepção” de 1999, “24/7; os fins do sonho”, de 2012, e “Terra arrasada”, de 2023. De forma panorâmica, pode-se dizer que há um problema que serve de motor alinhavando análises: quais são e como se articulam os limites de resistência do corpo à História? Seu primeiro trabalho considera como a visão se encarna concretamente na história estudando a formação do observador, efeito de relações entre poder e saber. Não se trata de fazer uma história das convenções e códigos da visão, isso seria abstrato, exercício puro de história da arte; essencial é resgatar a implantação do olhar em instituições, aparatos técnicos e discursos científicos. Até o escrito posterior, “Suspensões da percepção”, as figuras históricas da visão e do observador são separadas das figuras consideradas a-históricas do sono e do sonhador. No decorrer da modernização, o sonho se manteve provisoriamente como última fronteira ao capitalismo.

Enquanto estas primeiras obras percorrem eventos entre os séculos XVII e XIX, as duas últimas tratam do final do século XX. Em “24/7”, Crary traça o avanço corrosivo sobre o sono, parte da existência que os regimes de consumo e trabalho prometem tornar parte meramente acidental e contingente no interior de redes de informação continuamente ativas. Já sua última obra, “Terra Arrasada” é dedicada às materialidades da Internet, seu envolvimento com outros sistemas de exploração de recursos naturais oculto pela equivalência popularizada entre “virtual” e “imaterial”. No último capítulo, levanta o quadro crítico da vitalidade humana, efeito do afastamento em relação a três de seus insumos evolutivamente e ecologicamente essenciais: a percepção da luz, do rosto e voz do outro. Em

crescente andamento, o corpo tornou-se infiltrado e modificado pela História, situação precária, próxima à pulverização.

No plano geral, a pesquisa de Crary se beneficia da crítica foucaultiana ao espetáculo. Para o autor, o regime panóptico de vigilância contínua não se opõe necessariamente ao regime do espetáculo. Importa, ao contrário, analisar a interseção na qual vigilância e disciplina recaem sobre o observador e os discursos filosóficos e científicos sobre o papel constitutivo do corpo no advento do mundo visível. A modernidade dos indivíduos observados e a modernização do sujeito percipiente coincidiria em dispositivos ópticos banalizados dentro das relações institucionais e familiares, como *a televisão*: “Nela, vigilância e espetáculo não são termos opostos [...] mas que se eclipsam reciprocamente em favor de um aparato disciplinar mais efetivo” (Crary, 2011). Aparatos ópticos que treinam a percepção são analisados como contraponto ao treinamento dos corpos regulados a partir da observação e registro. Assim, uma série de técnicas, instrumentos científicos passam ao campo do consumo visual: modernização do observador, análoga a das instituições sociais onde a atenção do aluno, soldado e trabalhador é exigida e confrontada com normas de funcionamento.

3. Genealogia, corpo e observação

“Vigiar e Punir”, publicado em 1975, pode ser considerado extensão do programa de História como genealogia, contemplado no breve ensaio de 1971, “Nietzsche, a genealogia e a história”. A obra sobre as prisões busca realizar uma história correlata do Direito penal e das ciências humanas. “Como estas ciências surgem?”, a pergunta sobre suas condições de possibilidade atravessa obras de Foucault dirigidas, por exemplo, ao campo da psiquiatria e da medicina clínica. Uma das inovações em “Vigiar e Punir” é mobilizar o programa nietzscheano em seu aspecto “materialista” mais voltado para uma história do corpo que prolonga e atravessa a dimensão do trabalho e da economia. Em obras anteriores, Nietzsche se insinua pelos temas das temporalidades próprias ao jogo e à festa, ao dispêndio e excesso de forças, outros retratos da razão histórica fora de uma aparição como progresso do espírito ou modalidades de conflito entre classes econômicas. Entram em jogo temáticas como a insensatez, a desrazão habitando regimes temporais que não excluem, mas facultam o acesso a um tipo de verdade. No século XVII europeu, por exemplo, a “assimetria entre...a verdade desapossada da vontade e a vontade que ainda não conhece a verdade não é nada mais que a diferença entre os que loucos e os que não são loucos” (Foucault, 2002:240). Na Europa do século XX, tais possibilidades de excesso perdem força, ainda que se possa resgatá-las pela

“droga como ferramenta de contestação social”, espécie de “imitação da loucura”. (*idem*, p. 241)

O território subjetivo mapeado em “Vigiar e Punir” corresponde ao momento em que o papel do êxtase colapsa, em que sair de si se torna problemático beirando o intolerável. Fazer a história correlata do direito penal e das ciências humanas, maior propósito da obra, equivale, de certo modo, a mostrar como a experiência moderna é marcada pelo enclausuramento. Com a instalação de rotinas, de divisões urbanas e institucionais suscita-se a consciência acentuada de um si mesmo continuamente enviado a normas institucionais de conduta. “A alma, prisão do corpo” é uma das frases seminais que apreende o sujeito em seu vínculo de formação com o mundo social, anelo conduzido por reflexividade e culpa. Crary demonstra estar ciente da inspiração que move tal diagnóstico. Referindo-se a outro autor, o arquiteto filósofo Paul Virilio, afirma que:

[...] sua postura é mais nietzscheana, em sua articulação do tempo como descontínuo, não homogêneo e reversível. Assim como o eram para Foucault na década de 1970, as questões do tempo para Virilio interessam primordialmente como efeitos de um dado campo de forças. Portanto, se alinham pelo menos por algum tempo, em sua preocupação correlata com o modo pelo qual a experiência individual e coletiva era territorialmente moldada por relações estratégicas de poder. (Crary, 2009, p. 10)

“Técnicas do observador”, afirma-se no marco de uma perspectiva genealógica que ao privilegiar as concretas inserções do corpo na história, afasta-se de estudos voltados para representações culturais, ideologias ou imagens. Por exemplo, numa história interessada pelo registro simbólico trata dos modos através dos quais, por exemplo (Rabinbach, 1992), a vida foi representada como máquina. Em relatos dessa ordem, importa destacar como, entre os séculos XVII e XVIII, o corpo foi equiparado a um relógio a partir de teorias mecanicistas, enquanto mais tarde, as máquinas a vapor e o conceito de energia passaram a conduzir a representação dos seres vivos. A História do corpo seria a história de suas representações. Se as máquinas importam é na medida em que servem de símbolos, imagens ou metáforas para tangenciar um certo setor da realidade (Draaisma, 2005). Um dos desdobramentos do projeto genealógico em Foucault pontua o afastamento com relação a esse tipo de pesquisa: “creio que eu havia ficado numa análise das representações. Parece-me que eu tinha tentado estudar sobretudo a imagem que se tinha da loucura” (Foucault, 2006: 17). Agora, a genealogia propõe uma leitura da obra dos cartesianos como de La-Métrie, não tanto como imagem que distorce a realidade social da exploração humana. De fato, o sujeito do conhecimento é efeito

de implantações de rotinas e divisões territoriais que o impelem a reagir a estimulações de forma automática (Foucault, 2001). Sua existência é menos ideológica do que arena de combate.

Em sentido similar, o programa de Crary se distancia da história das representações. Uma das primeiras objeções se refere ao estado atual das tecnologias da imagem que não mais trabalham com operações de repetição direcionada a referenciais externos em “espaços visuais fabricados, radicalmente diferentes das capacidades miméticas do cinema, da fotografia e da televisão” (2012, p. 11). Os procedimentos de “re-apresentar” na tela ou na mente uma presença exterior mostram-se peculiares a uma época que não é mais a nossa. Em segundo lugar, seu estudo sobre o observador não pretende perseguir convenções da arte de representar que podem ser verificadas em pinturas. O programa abarca ciência, arte e técnica, com especial destaque a aparatos ópticos que sujeita o observador ao consumo sensorial e o prepara para assimilar e reagir a estimulações próprias a espaços institucionais análogas ao regime de atenção requerido.

A genealogia, diz Foucault em “Nietzsche, a genealogia e a história”, sacrifica a unidade e imparcialidade do sujeito do conhecimento no combate por versões do mundo, na vontade “indefinidamente desdobrada de saber”. (2005, p. 37). Se a tese de Nietzsche é de que a força sempre se manifesta, haverá sempre combate ainda que a força se dirija para dentro, criando ideais de imparcialidade e objetividade. “Vigiar e Punir” se coloca nesse marco no qual a violência do castigo é redirecionada do exterior para o interior. Na verdade, é a mudança de direção da força que impele à formação de uma interioridade reflexiva. No registro contínuo da conduta implementada por instituições escolares, militares, fabris e hospitalares encontra-se a exigência do olho “primeiramente submetido à caça e à guerra” (*idem*, p. 23). Assim, em “Vigiar e Punir”, o olhar desde sempre interessado parece ter uma de suas aparições técnicas na arquitetura panóptica, operador decisivo na passagem de um tipo de subjetividade definida por seus feitos para um tipo de subjetividade onde as intenções são marcantes. Na genealogia do sujeito observado é decisivo que o olhar ative um movimento da força contra si mesma.

Nas duas primeiras obras de Crary, especialmente em “Suspensões da percepção” (1999), Nietzsche é um autor bastante mencionado. No entanto, ele não é tanto citado a partir de “A Genealogia da Moral”, mas de obras onde o diagnóstico da modernidade é sutilmente

alterado². O autor torna-se importante na pesquisa de Crary ao levantar as novas temporalidades aceleradíssimas em sua repercussão sobre a experiência. É colocado no plano de análises similares às de Walter Benjamin que apontam o enfraquecimento das capacidades contemplativas e a formação de subjetividades sem tempo suficiente para concatenar impressões, assim, apenas reagindo a estímulos. Porém, essa condição está marcada por uma precariedade, convém destacar *salutar*, no plano da experiência, levando a “começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda”. (Benjamin, 1987, p. 116). Do mesmo modo, a leitura de Nietzsche acerca da condição moderna como acentuadamente estimulada implica em ativação do esquecimento que, em sua filosofia, é considerada força ativa, atividade que propulsiona a experiência na exploração de texturas existenciais pouco exploradas (Nietzsche, 2009).

Até o momento, contrastamos alguns pontos da pesquisa histórica em Foucault e Crary. As diferenças pontuadas implicam em um deslocamento geral da proposta de “Vigiar e Punir”. A punição prisional é um objeto central para Foucault e retirá-la da condição de desdobramento natural das atitudes civilizatórias implicou mostrar como o castigo passa a se direcionar contra o próprio sujeito. O que Crary torna objeto de estranhamento não é a prisão e o panóptico, mas o realismo das técnicas visuais oitocentistas, como a fotografia e o cinema. O relato continuísta discutido e criticado em sua obra liga um conhecimento das formas do mundo visível a uma grande aparição no Renascimento europeu do uso da perspectiva na arte e arquitetura, seguido por um desdobramento no registro fotográfico por volta de 1830. História que preza as convenções do olhar supondo que um mesmo sujeito do conhecimento adquire rigor e objetividade em seus procedimentos exploratórios. Crary argumenta que há uma grande ruptura no plano das forças sociais e técnicas que possibilitam o sujeito da observação emergir no XIX, correspondente ao surgimento de ritmos de mobilização urbana e consumo visual. Tal sujeito não é o indivíduo registrado continuamente dentro de arquiteturas que seguem o modelo panóptico. Os dispositivos ópticos presentes na pesquisa de Crary suscitam a atividade de ver, ao mesmo tempo que encarnam teorias sobre a percepção. Desse modo, são capacidades atribuídas à visão que tornam o sujeito moderno objeto de investigação e modulação do comportamento.

4. Observação e subjetividade

² Crary (1990; 2012; 1999) dá preferências a outras obras, mencionando em referências bibliográficas, por exemplo, “Beyond the good and the evil”, “The case of Wagner” e, também a polêmica coletânea (Bayer, 2026; Foucault, 2013), “The Will to Power”.

4.1 – Vigilância e inspeção da mente

Estabelecidos os contornos básicos à genealogia do observador em Crary, seria interessante abordar alguns efeitos para os modelos de subjetividade. Uma primeira observação concerne ao uso do termo “disciplina” em “Técnicas do observador”. Na definição original de Foucault, disciplina é um tipo de técnica que “dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado ‘aptidão’, uma ‘capacidade’ que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso.” (2001, p. 119). Inicialmente locais, a arquitetura panóptica vai permitir a sistematização dessas operações no interior das instituições modernas, orientadas à mudança interna dos indivíduos, sua aprendizagem, recuperação ou terapêutica. Portanto, insistindo sobre o corpo na forma de hábitos e gestos, se instauram no século XVII para se generalizar no século XIX, no marco histórico da experiência moderna.

Como execução de uma genealogia, “Técnicas do observador”, primeira obra de Crary, remonta aos séculos XVII e XVIII buscando uma formação histórica prévia ao regime de espetáculo. Neste diálogo entre a ideia de espetáculo de Débord e a de vigilância de Foucault, apresenta um aparato também multifuncional tal como o Panóptico: a câmara escura. A tradução do termo “*camera*” (Crary, 1990, p. 8) como “câmara” (*idem*, 2012, p. 17) considera as ressonâncias dos significados envolvidos nesse importante objeto histórico entre domínios ópticos e jurídicos. Ponto de interseção entre discursos científicos, filosóficos sobre a subjetividade e práticas estéticas, envolve processos de projeção de imagens em uma estrutura fechada por tempo e nitidez suficiente para que pintores representem e filósofos estabeleçam modelos de conhecimento estruturalmente similares. Embora as distinções entre empirismo, racionalismo e associacionismo sejam importantes para certos mapeamentos da História da psicologia (Schultz & Schultz, 1981), a câmara escura é um modelo de percepção e conhecimento transversal a essas vertentes. Serve como uma “*assemblage*”, um objeto com o qual se faz algo e que permite se dizer algo, envolvendo prática e saber. Sua função é representativa em sentido amplo, ou seja, organiza objetos heterogêneos em um espaço unificado: tanto no espaço externo através de planos arquitetônicos urbanos, quanto na teoria epistemológica representar é supervisionar imagens, objetos, elementos. A investigação sobre a natureza entre os séculos XVII e XVIII coincide com uma óptica física, na qual os efeitos de luz sobre o corpo fisiológico são menosprezados em prol de sua incidência sobre superfícies materiais. A densidade corporal nesta configuração permanece pouco explorada. Nesse sentido, Crary fala de uma disciplina como operação da mente que visa organizar

representações, tais como ressaltam filósofos racionalistas e empiristas. O aparato da câmara escura é mobilizado para prescrever regras aos sentidos e razão, sobre que tipo de operações se deve executar, ou seja, que “garanta e policie a correspondência entre mundo e exterior e representação interior, assim como permite excluir tudo o que for desordenado e desregrado.” (2012, p. 49)

A estrutura fechada que apenas faculta uma entrada ordenada de sensações da mente é análoga à da câmara escura. As operações desse aparato óptico estão implicadas em um tipo de experiência com a mesma generalidade que as operações possibilitadas pela arquitetura panóptica. Crary ressalta o fechamento do sujeito em relação ao mundo exterior, uma existência isolada, enclausurada entre os séculos XVII e XVIII. O sujeito da observação é impelido a “um tipo de *askesis*, ou distanciamento do mundo, a fim de regular e purificar a relação que se tem com a multiplicidade de conteúdos do mundo agora ‘exterior’. Nesse sentido, a câmara escura é inseparável de uma metafísica da interioridade” (*idem*, 2012, p.45). Enquanto esse modo de existência é associado à era moderna em “Vigiar e Punir”, a genealogia do observador flagra seus traços estabelecidos em etapas anteriores e por operações disciplinares que inspecionam o espírito, supervisionam e organizam representações. As disciplinas, em Crary (*idem*), primeiramente organizam a mente.

No relato de “Técnicas do observador”, é somente no século XIX que o procedimento disciplinar passa a abranger a corporeidade. Nesse sentido, os discursos sobre a óptica fisiológica superam a importância da óptica física. Os estudos sobre o corpo que ganham espaço institucional ao longo do século fazem parte de investigações fisiológicas a respeito do funcionamento da visão. Os modos de corporeidade que “Vigiar e Punir” atribui às disciplinas, como máquina ou organismo, aparecem igualmente na fisiologia sensorial. Ao longo do século XIX, convivem paradigmas de corporeidade que decompõe a organização do vivo em sistemas e subsistemas ao lado de outros modelos onde a função orgânica não se reduz aos seus elementos, sendo explicitada pela submissão à totalidade, no plano dos propósitos e finalidades vitais.

De 1820 até a década de 1840, a fisiologia era muito diferente da ciência especializada que veio a se tornar mais tarde; ela não dispunha, à época, de qualquer identidade institucional formal e surgiu como o trabalho acumulado de indivíduos não relacionados que atuavam em diversas áreas do saber. Em comum, havia o entusiasmo e o assombro em relação ao corpo, que aparece agora como um novo continente a ser explorado, mapeado e dominado, com novas cavidades e mecanismos revelados pela primeira vez [...] Neste momento do século XIX, a fisiologia é uma daquelas ciências que marcam a ruptura que Foucault sugere entre os

séculos XVIII e XIX, nas quais o homem surge como um ser em quem o transcendente é retratado no empírico... Mas a fisiologia, como ciência da vida, também sinaliza o aparecimento de novos métodos de poder. (Crary, 2012, p. 82)

4. 2 – Visão, corpo, subjetividade

Proposta nas primeiras décadas oitocentistas, a doutrina das energias nervosas específica (*“spezifische Sinnesenergien”*, *apud* Crary, 2012, p. 90) de Müller exemplifica como a fisiologia investiu sobre o corpo tomando-o por vezes como máquina que conduz, traduz e transforma impulsos em ação. Combina-se maquinismo e vitalismo considerando o mundo perceptivo como efeito da conversão de energia realizada por cada sistema sensorial: o olho, independente da natureza do estímulo, produzirá sempre sensações visuais, assim como o ouvido, sensações sonoras. Müller exemplifica um tipo de estudo com bases em teorias da luz banhada em matrizes românticas e com forte tendência a manifestar-se no plano de uma teoria do sujeito, que afirma, por exemplo, o papel do corpo na formação de sensações e percepção da realidade. Ao contrário do modelo da “câmara escura”, os efeitos subjetivos que o corpo exerce sobre o mundo são valorizados. Não se busca mais espelhar, fazer corresponder realidade interna e externa. Não poderíamos imaginar o mundo visível sem a cor, porém tudo que é cromático pertence enquanto criação à esfera somática do olho e da retina, afirmam autores no domínio amplo de uma descrição científica e filosófica sobre a natureza, como fez Goethe (Crary, 2012, p.71).

Efeito do entrelaçamento entre discursos heterogêneos, a “visão subjetiva” corresponde ao modelo de sujeito configurado em território próprio a práticas e saberes sobre a corporeidade. Por um lado, o corpo é quantificado como objeto do conhecimento, por outro, afirma-se seus poderes associados à criatividade que define a vida orgânica e mental de forma ampla. A mente, condicionada por mecanismos biológicos, impõe seus contornos, implicando em um perspectivismo que Crary verifica não somente em autores como Nietzsche, mas dentro do próprio campo interdisciplinar no qual irá surgir o que conhecemos como “fisiologia”.

Duas grandes temáticas relativas à “visão subjetiva” são exploradas entre as décadas de 1830 e 1840 na interface entre a ciência da luz e da visão. A primeira resulta de uma prática que disciplina o olhar, fixando-o em um estímulo luminoso, em que autores como Jan Purkinje olhando diretamente para o Sol se esforçaram tanto ao ponto de ficarem cegos. Trata-se do mapeamento das pós-imagens, efeitos que a própria retina simultaneamente

projeta e percebe dentro de um campo visual. Na segunda, o movimento binocular é estudado tendo em vista a possibilidade da visão tridimensional, perguntando-se pela gênese da profundidade no campo perceptivo e as forças presentes em sua gênese. A produção de aparatos que simulam a profundidade a partir de duas imagens registradas em ângulos distintos, caso de um aparato que surge por volta de 1820, o estereoscópio, encarnam tópicos importantes de pesquisa (figura 1). Produzir efeitos de movimento, modular a percepção espacial através de dispositivos ópticos implicou isolar indivíduos, criar espaços propícios ao lazer e consumo visual, organizar o movimento do corpo no espaço em sua relação com aparatos.



Figura 1. Estereoscópios em formato popular durante o século XIX. Retirado de www.wattsgallery.org.uk/explore-victorian-virtual-reality/a-short-history-of-stereoscopy

Cabe observar como Crary (1990; 2012) pontua uma experiência típica ao regime de espetáculo: indivíduos próximos uns aos outros, contemplando simulações da realidade sob forma isolada. No entanto, o autor destaca, é sobre a visão que a disciplina se exerce. Nos estudos de psicofisiologia, a retina foi cartografada em suas regiões mais sensíveis à luz e movimento, processos e efeitos posteriores à exposição à luz foram classificados. O tempo de ajuste, necessário ao ajuste da visão binocular e seus movimentos errantes, foram considerados essenciais na concepção de aparatos ópticos que exigiam um observador concentrado, solitário e quieto. Trata-se tanto de fixar e modular o movimento dos corpos, porém do indivíduo percipiente, do observador. Ao oscilar da exclusão mútua entre vigilância e espetáculo para um acoplamento entre os dois regimes, chega-se não somente a figuras da subjetividade sedentarizadas como alunos e trabalhadores, mas também ao andarilho que

circula por paisagens urbanas, sujeito das novas formas de lazer e trabalho. O treinamento de capacidades perceptivas é o ponto crucial no preparo para o mundo da propaganda, do cinema, mas também da esteira de produção e do ensino pedagógico, regular e institucional.

Crary beneficia-se da análise de Walter Benjamin (1987), incorporando temáticas que extrapolam a consciência enclausurada, afastada das condições do êxtase, considerando nos espaços urbanos do final do século XIX a existência de atmosferas de sonho. Junto à expansão do capitalismo no século XIX, cenários como parques, circos, feiras universais, parques de diversão e filmes posicionam o treinamento perceptivo moderno em estado avançado. No entanto, seu advento remonta a técnicas que modernizaram a visão já em circulação em períodos anteriores à década de 1830. Para entender como esses processos de simulação da realidade puderam se estabilizar, a genealogia do observador retrocede à sua corporificação nos discursos normativos da psicofisiologia emergente.

Enquanto “Técnicas do observador” tem seu término em acontecimentos que cercam a psicofisiologia, psicofísica, práticas estéticas e produção de aparatos técnicos por volta de 1860, “Suspensões da percepção” abrange um período mais avançado marcado pelo surgimento da psicologia experimental. Se na primeira obra, as técnicas modernas do observador envolvem objetos técnicos nos interstícios entre espaços de entretenimento e a pesquisa fisiológica, já nesta segunda, vem à cena aparelhagens próprias ao laboratório de psicologia. Apresentando sequência de imagens, palavras ou sílabas isoladas, presente em laboratórios de psicologia alemã, depois levado à América do Norte, o taquistoscópio (ver figura 2) foi peça importante na acumulação de conhecimento sobre o próprio sujeito de conhecimento. Através do estudo experimental do indivíduo observador, tentou-se extrair invariantes sobre o funcionamento de um tipo de consciência “média” ou “normal”.



Figura 2. Taquistoscópio usado pelo psicólogo da Gestalt, Max Wertheimer
Departamento de Psicologia Social e Institucional/ UERJ

Parte essencial desse programa de investigação foi lidar com problemas relativos aos limites, ausências e, especialmente, supressão que o campo atencional em sua textura heterogênea e temporal exerce para obter alguma clareza. O uso generalizado do taquistoscópio na psicologia experimental no final do século XIX projetava um ideal de captura de uma parte do fluxo temporal, um “instante” congelado separado tanto de ideias e impressões já passadas quanto daquelas que se insinuem por vir. Concebido para atingir ritmos aos quais o sistema visual humano não seria capaz de reagir, impõe uma rigidez ao sujeito experimental, impedindo-o de fechar os olhos frente à oscilação na apresentação de estímulos. Apesar dessa rigidez disciplinar ser idealizada, o fascinante é que como Crary (1999) frisa, um observador ainda assim intuía algum tipo de multiplicidade, sensações com algum grau de coesão, não somente sílabas ou imagens separadas, mas minimamente articuladas. Submetida a ritmos similares a um regime de choque, a consciência se mostrava capaz de reter imagens de forma dinâmica, resistindo a se tornar um ponto ou fragmento desmantelado do fluxo temporal. Do ponto de vista de uma história da psicologia, a filosofia que afirma a consciência como fluxo dinâmico e contínuo e a pesquisa sobre a sensação idealmente isolada podem ser apresentadas em campos opostos, em constante disputa. Do ponto de vista genealógico, no entanto, perseguem questões similares. Ambas tratam de um modelo de subjetividade, instalado sobre compreensões da consciência como campo distribuído por regiões com diferentes graus de clareza e nitidez, concebendo a atenção como um estado precário e difícil de ser sustentando.

Em outras áreas de investigação sobre processos atencionais, os limites entre concentração e desatenção resultavam inconcludentes. O estado de uma atenção normal poderia oscilar a partir da própria concentração caso reduzida a poucos estímulos, de modo que o transe hipnótico foi articulado ao estreitamento na amplitude do campo da consciência a alguns raros e proeminentes elementos. No final do século XIX, ideias sobre a presença constante do transe da vida cotidiana eram compartilhadas entre clínicos e áreas da pesquisa psicológica como a psicologia das massas. Autores considerados precursores da psicologia social, caso de Gustave Le Bon e Gabriel Tarde, aproximavam o domínio social ao automatismo e rebaixamento da consciência. “Não estarei sendo extravagante se pensar no homem social como um verdadeiro sonâmbulo”, afirma o último (Tarde *apud* Crary, 1999, p. 245).

A perspectiva desses autores é distinta daquela atrelada ao modelo da câmara escura e seu observador que controla a entrada de estímulos, submetendo-os ao entendimento. Há, como afirma o historiador da ciência Michael Hagner (2003), uma espécie de “antropologia precária” nos modelos modernos acerca do sujeito da atenção, na qual uma consciência capaz de conhecer e dominar a si mesma parece ter sido eliminada de cena. Na psicologia das massas, o estatuto de uma consciência totalmente presente a si mesma é tornado problemático. Le Bon não somente toma os estados sonambúlicos como desviantes, mas necessários à vida e existência dos indivíduos e multidões, observando-os como saudáveis em certa medida. Se não houvesse desatenção e esquecimento, seríamos avassaladoramente tomados por sensações visuais e ruídos constantes produzidos por nosso próprio corpo. Do mesmo modo, a vida social é preservada na medida em que invenções, tradições e memórias produzidas e conservadas coletivamente são excluídas do campo da consciência. Considerado efeito de práticas que sobrepõe vigilância e espetáculo, o sujeito moderno trazido à cena nesses estudos (Crary, 1999; 2011) habita interseções entre sonho e vigília, atenção e devaneio, consciência tramada tanto por representações claras existentes ladeadas por estados de sombreamento, esquecimento e ausência.

De certo modo, as próprias imagens suscitadas por aparatos e técnicas de observação habitam zonas de interseção, circulando e em estado de suspensão sem que seu estatuto técnico ou pertencente ao psiquismo seja decidido. A profundidade do campo visual vivenciada como realidade objetiva torna-se efeito do acoplamento entre o movimento ocular e os aparatos ópticos, como o estereoscópio, predominantes no início do século XIX. Estas imagens, segundo Crary, têm caráter atópico: mais do que experiência de uma sensação no campo visual, o que se apreende é a própria formação desse campo, cujas formas liberadas integram-se aos arranjos do estereoscópio. A fluidez entre fronteiras internas e externas, por onde a experiência trafega por vezes indistintamente, envolve a célebre pesquisa psicofísica de Fechner. A leitura empreendida em “Técnicas do Observador” (1990) destaca as ressonâncias místicas na obra do psicólogo, sua reflexão sobre a continuidade entre natureza, matéria e consciência. Desse modo, em seus primórdios, a psicofísica “buscou inicialmente uma fusão entusiasmada da interioridade daquele que percebe em um único campo, carregado e unificado, cujas partes vibram” (*idem*: p. 145). Já ao final do século XIX, experiências cinestésicas suscitadas por complexos de parques urbanos, cinema ou rodas gigantes se estabelecem à mesma época em que a noção de percepção do próprio corpo passa a implicar o “eu” em estado dinâmico, consoante ao par esforço e resistência, na condição fronteira entre sensação e ação. (*idem*, 1990, 1999; Smith, 2019).

A referência aqui feita a aparatos ópticos e outros elementos da cultura oitocentista pretende possibilitar um contraste entre o sujeito moderno em “Vigiar e Punir” e na obra de Crary. O sujeito da observação panóptica torna-se peça e efeito dentro uma economia do poder, na medida em que a vigilância se efetiva na consciência reflexiva que se resolve sob a forma de uma tópica da interioridade. Explorando possíveis sobreposições entre as análises de Foucault e Débord, o historiador norte-americano considera como a disciplina opera dentro de uma lógica da repetição produzindo diferenças. Nesse sentido, é importante destacar que a repetição da atividade exploradas por Foucault pode não apenas implicar hábitos e rotinas, mas em derivas espaciais, fugas de si e ausência de consciência *em uma pesquisa genealógica orientada para o observador*. A hipnose e aparatos ópticos que simulam paisagens e figuras são exemplos de como certas técnicas de capturar e sedentarizar a atenção implicam simultaneamente em regimes de suspensão que se movem entre estados focais de extrema clareza e estados de transe. Os limites entre espaço externo e interno tendem a se diluir na medida em que a figura do sujeito examinada por Crary remonta a uma modernidade caracterizada por um regime constante de produção de novidades e exposição do corpo a ritmos extremos próximos ao choque. Em suma, em seu relato, podemos dizer que há na modernidade um elemento “pós-histórico”, como estado perpétuo de renovação de necessidades de produção e consumo. (Crary, 2012, p. 39).

5. Conclusão

Das várias leituras que podem ser feitas sobre “Vigiar e punir” após cinquenta anos de sua publicação original, percorremos uma discussão sobre visão, disciplina e subjetividade, levando em conta o afastamento feito por Foucault em relação à ideia de “espetáculo”. Entre sua publicação e o presente, surgiu a suspeita de que estaríamos nos encaminhando rumo a uma configuração diferente daquela analisada em “Vigiar e Punir” e próxima a de Guy Débord. O autor com o qual confrontamos a genealogia foucaultiana, Jonathan Crary permitiu considerar que no início da era moderna, a disciplina não somente incidiu sobre indivíduos observados, estendendo-se ao corpo do observador. Entra em cena uma concepção de sujeito relacionada a ausências, estados de transe e devaneio assinalando a permeabilidade de fronteiras que delimitam uma topologia não plenamente fechada ao exterior. Assim, enquanto uma genealogia do indivíduo observado nos leva à formação de uma interioridade reflexiva, plano em que a vigilância induz ao judicativo, uma genealogia do indivíduo observador mostra fraturas no interior da subjetividade com a atenção vagueando pelos territórios urbanos de produção e lazer continuamente implantados com a expansão do capitalismo.

Suas duas primeiras obras, devotadas ao período entre os séculos XVII e XIX, abrem espaço de análise histórica a laboratórios, aparatos de medição, cenários urbanos e consumo visual relativos à modernização do observador. Entrega-se análise de temáticas tais como a psicofísica, fisiologia, estudos sobre hipnose e atenção, resultantes igualmente do deslocamento de um projeto genealógico do indivíduo observado para o indivíduo observador. A obra do autor, no entanto, tem se estendido sob forma ensaística tratando de nossa atualidade, nas quais o sono, o sonhar e o devaneio parecem evaporar em sua condição de fenômenos essenciais a uma definição de sujeito. São trazidos como terrenos precarizados dentro de operações digitais de produção e consumo que tem no centro do seu projeto economias da atenção incompatíveis com o adormecer, decorrendo no encurtamento de ocasiões e espaços propícios à imaginação, sonho ou transe. Neste sentido, é interessante pontuar que a genealogia, segundo Foucault, está muito envolvida com “a destruição do sujeito do conhecimento na vontade, indefinidamente desdobrada, de saber. (2005, p. 37)”. Talvez com Crary se projete para o século XXI diagnósticos voltados não somente para a dissolução do sujeito do conhecimento, envolvendo modos de extenuar a própria vitalidade.

Referências Bibliográficas

- BAYER, Mateus. **Um militante específico**: Foucault, a genealogia e as lutas históricas. *Dossiê Vigiar e Punir 50 anos depois, vol.2*, Mnemosine, n. 2, 21, 2026.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. In *Obras escolhidas, vol. 1, magia e técnica, arte e política*, São Paulo, editora brasiliense, 1987, pp. 165-198.
- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade, Porto Alegre: sulina editora, 2013.
- CRARY, Jonathan. **Techniques of the Observer**. Cambridge: The MIT Press, 1990.
- CRARY, Jonathan. **Suspensions of Perception**: Attention, Spectacle, and Modern Culture. October Books, 1999.
- CRARY, Jonathan. **Espetáculo, atenção, contramemória**, *Arte & ensaios, revista do ppgav/eba/ufrrj*, n. 23, nov 2011, pp. 197-211.
- CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador**: visão e modernidade no século XIX, Rio de Janeiro: contraponto, 2012.
- CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**, São Paulo: Ubu editora, 2014.

- CRARY, Jonathan. **Terra arrasada**: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista, São Paulo: Ubu editora, 2023.
- DÉBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro, contraponto editora, 2007.
- DRAAISMA, Downe. **Metáforas da Memória**: uma história das ideias sobre a mente. Santa Catarina: EDUSC, 2005.
- EWALD, François. Foucault, Michel, 1926-1984. Vigiar e punir. In: CHATELET, François; DUHAMEL; Olivier; PISIER, Evelyne. **Dicionário de obras políticas**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização brasileira, pp-364-76, 1993.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FOUCAULT, Michel. A Loucura e a sociedade. In: **Ditos e Escritos vol. 1.**, Rio de Janeiro: forense universitária, 2002, pp. 259-67.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In MACHADO, Roberto (org.). **Microfísica do poder**. São Paulo. SP: Graal, pp. 15-37, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **O Poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Introdução Geral (às Obras Filosóficas Completas de Nietzsche)** In: Ditos e Escritos - Vol. II - Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento, ed. Forense Universitária, 2013.
- HAGNER, Michael. **Towards a cultural history of attention**. MLN, Volume 118, Number 3, April 2003, pp. 670-687.
- NIETZSCHE, Friederich. **A Genealogia da moral**, São Paulo: companhia de bolso, 2009
- RABINBACH, Anson. **The human motor: energy, fatigue and the origins of modernity**. Library of congress, Basic books, 1992.
- RAJCHMAN, John. **Foucault's art of seeing**. October vol. 44, 1988: 88-117.
- RODRIGUEZ, Pablo Manolo. **Espectáculo do Dividual**: Tecnologias do eu e vigilância distribuída nas redes sociais. Revista Eco-Pós, 2018 (2), 57-68. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v18i2.2680> 2015.
- SCHULTZ, Duane & SCHULTZ Sydney Elen. **História da psicologia moderna**, São Paulo: Cultrix editora, 1981.
- SMITH, Roger. **The sense of movement**: an intellectual history. London: Process Press, 2019.
- STOCK, Adam. **Schumann's wheel Tachistoscope**: Its Reconstruction and Its Operation. History of psychology, 2014 17(2):149-158
- VIANA, Nildo. Debord: **Espectáculo, fetichismo e abstratificação**. 2011, revista panorama vol 1 agosto, 2011.

César Pessoa Pimentel
Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da
Universidade Federal do Rio de Janeiro (EICOS – UFRJ)
E-mail: cesar.pimn@gmail.com